



O sentido de psicologia para Haufniensis: idéias psicológicas em "O conceito de angústia" de Kierkegaard

The meaning of psychology according to Haufniensis: psychological ideas in "The concept of anxiety" of Kierkegaard

Thiago de Paula Cruz
Universidade de São Paulo
Brasil

Resumo

Trata-se de um estudo teórico que tem por objetivo compreender o sentido de psicologia para Haufniensis (um dos vários pseudônimos de Kierkegaard) em sua única obra: "O conceito de angústia". O estudo dos discursos psicológicos de Kierkegaard é ainda incipiente no Brasil e com este artigo buscamos contribuir com a discussão de sua obra em outros meios que não somente o da filosofia e o da teologia. Constatou-se que a psicologia é uma ciência privilegiada, que trata da existência e da história individual (o espírito subjetivo) por intermédio da observação de si e de outros em seu cotidiano. Ao final, surgiu a questão sobre o possível ânimo irônico que deveria existir naqueles que se dedicam à psicologia e uma nova pergunta: deveriam ser os psicólogos irônicos?

Palavras-chave: Kierkegaard; psicologia existencial; história da psicologia; epistemologia da psicologia

Abstract

This is a theoretical study that aims to grasp the meaning of psychology to Haufniensis (one of the Kierkegaard's pseudonymous) in his only book: "The concept of anxiety". The study of Kierkegaard's psychological discourses is today incipient in Brazil and with this article we wanted to bring some contributions to this discussion in other areas beyond philosophy and theology. We have found that the psychology is a privileged science that takes care of existence and history of the individual (the subjective spirit) by the observation of oneself and the other ones in its quotidian. In the end, the question of the possibility of the ironical mood that ought to exist in the psychologists appears together with a new one: should they have an ironical mood?

Keywords: Kierkegaard; existential psychology; history of psychology; epistemology of psychology

Introdução e método

Sören Aabye Kierkegaard (1813-1855) é um pensador considerado por Wahl (1962) como aquele que iniciou o que se chama atualmente de filosofia da existência. Movimento filosófico este que possui como principais representantes Martin Heidegger (1889-1976) e Jean-Paul Sartre (1905-1980).

Uma busca no Portal da Pesquisa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) com os termos "Kierkegaard" e "Psicologia" retorna 250 artigos (entre resumos e textos completos) indexados em bases de dados internacionais específicas da psicologia (*PsycINFO*), da filosofia (*Philosophers Index*) e da sociologia (*Sociological Abstracts*). Tal fato demonstra sua importância não só à Filosofia, mas também para as ciências humanas de um modo geral.

No que se refere à produção nacional em psicologia sobre Kierkegaard, a busca de seu nome como termo na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) retorna pouquíssimos artigos ainda que utilize uma série de bases de dados (tais como o SciELO e o PEPsic). No que tange a livros, poderíamos citar os seguintes exemplos: Feijoo (2000) que busca seus conceitos de angústia e desespero para pensar uma psicoterapia de cunho fenomenológico-existencial; Penna (1981) que traz em algumas páginas colocações acerca de conceitos como subjetividade, angústia e desespero. Já no que se refere às dissertações de mestrado e teses de doutorado, o Banco de Teses da CAPES nos revela



72 teses indexadas com o assunto "Kierkegaard"; destas, quatro foram defendidas em faculdades de Psicologia e o restante em áreas diversas como filosofia, ciências da religião e literatura.

Assim, a produção referente a Kierkegaard em Psicologia é mínima aqui no Brasil devido ao seu pouco alcance em periódicos específicos da área, mas seu pensamento está longe de ser esquecido pelos seus estudiosos nacionais. Tal fato é evidenciado pelos livros existentes sobre sua obra e pelas teses e dissertações desenvolvidas sob a égide de suas contribuições. Então, uma das justificativas deste artigo é contribuir com a discussão em psicologia sobre o pensamento kierkegaardiano que possui uma enorme gama de particularidades que são frutíferas a esta ciência tanto historicamente como para que possamos pensar em fundamentos epistemológicos e conceituais para uma psicologia que chamaríamos inicialmente de "existencial".

Tal (re-)fundamentação no âmbito da academia brasileira se mostra importante por haver uma confusão recorrente entre as psicologias humanista, fenomenológica e existencial. É como Goto (2007) coloca em sua tese sobre a psicologia fenomenológica: diz-se hoje em dia que se faz uma psicologia fenomenológica no Brasil, mas muitos poucos destes que a praticam retornam a Edmund Husserl (1859-1938) e suas originais contribuições.

Ocorre ainda a diluição de obras tais como as de Kierkegaard em conceitos e práticas diversas, como a psicanalítica. Somente a título de exemplo, poderíamos citar dois autores: Rollo May (1909-1994) e Ernest Becker (1925-1974). Do primeiro, podemos referenciar duas obras que são "Psicologia e dilema humano" (1967/1977) e "O homem à procura de si mesmo" (1953/1982) e, do último, seu livro "*The denial of death*" (Becker, 1976/1997) na qual considera o pensamento kierkegaardiano como meramente mítico-religioso e busca associá-lo a Sigmund Freud (1856-1939). Tal associação revela-se no decorrer do texto como mera redução a conceitos psicanalíticos que o leva inclusive a considerar Kierkegaard um pós-freudiano próximo de Otto Rank (1884-1939). Mas, como colocam muito bem Thomte e Anderson (1980), a psicologia com a qual Kierkegaard trabalha é distinta daquilo que se faz hoje em dia nesta área do saber e daquela que se fazia no começo do século XX.

Deste modo, este artigo se propõe a buscar caminhos que nos levem a pensar sobre qual seria a concepção kierkegaardiana de psicologia, seus métodos, seus objetos e limitações com relação a outras áreas do saber. O objetivo do presente artigo então seria compreender o sentido de psicologia para Haufniensis (o autor heterônimo de Kierkegaard) em sua única obra "O conceito de angústia".

Tão logo pensamos em buscar compreender o sentido de psicologia para Kierkegaard deparamo-nos com o problema dos pseudônimos. Sem necessidade de alongar-nos muito sobre isto, basta informar que os pseudônimos utilizados por Kierkegaard não são meros nomes criados para ocultar o verdadeiro autor. Tal qual Fernando Pessoa, Kierkegaard elaborou uma série de personagens para explicitar as diferentes formas possíveis de se viver e de se relacionar consigo mesmo, com o mundo e com Deus (Cruz & Feitosa, 2006). Gouvêa (2006) prefere utilizar o termo "heterônimo" para alguns dos pseudônimos justamente para deixar clara esta intenção de existir um personagem complexo criado por Kierkegaard. No caso de "O conceito de angústia", este autor é um heterônimo denominado de Vigilius Haufniensis que seria um professor de Dogmática. Em uma obra publicada postumamente, o próprio Kierkegaard (1859/1986) coloca este texto na parte de sua obra denominada por ele de estética por meio da qual ele buscava alcançar as pessoas pelos seus gostos visando levá-las àquilo que ele considera o religioso. Assim, tal obra sequer poderia ser pensada inicialmente como coerente em sua totalidade com aquilo que Kierkegaard pensa sobre a psicologia.

A escolha específica do texto "O conceito de angústia" deu-se pelo fato de tratar-se, como ele mesmo coloca como abertura do livro, de um "simples esclarecimento psicológico prévio ao problema do pecado original" (Kierkegaard, 1844/s.d., p. 7). E, não obstante, este é um livro comumente citado por psicólogos que utilizam seus conceitos em sua prática e/ou teoria justamente por esta clara colocação do texto como sendo um discurso psicológico. Mas não devemos esquecer que este é um tema recorrente na obra



kierkegaardiana aparecendo inclusive como subtítulo de algumas delas (Thomte & Anderson, 1980). Optamos em focar tão somente o sentido de "psicologia" neste texto apesar de ser repleto de idéias que podem ser consideradas psicológicas. Para citar somente algumas, podemos observar a angústia (que é o tema principal do livro), a subjetividade, a interioridade, a sexualidade entre outros. Desta maneira, este estudo teórico é somente um aspecto dos muitos estudos possíveis sobre o discurso psicológico kierkegaardiano nesta obra e em todas as outras que redigiu.

Conforme colocam Penna (1981), Massimi (1989) e Pfromm Netto (2006), Wilhelm Wundt (1832-1920) possui o papel de ter sido aquele que, com a fundação do Laboratório de Psicologia Experimental de Leipzig, divide a elaboração de estudos acerca da psique em duas partes. Os primeiros, correspondentes à produção filosófico-científica prévia a este evento, seriam considerados como idéias psicológicas, como discursos psicológicos. Os últimos, por sua vez, compreenderiam a psicologia como ciência. Ou seja, conforme aponta Pfromm Netto (2006), haveria uma divisão em uma psicologia leve (*soft psychology*) que se ocuparia de elucubrações teóricas sobre temas de natureza psicológica e uma psicologia rígida (*hard psychology*) que trataria de tópicos da mesma natureza, mas resultante de pesquisas objetivas, dos testes estatísticos, do laboratório com sólido embasamento científico, empírico e quantitativo.

Deste modo, ao falarmos de "psicologia" para Kierkegaard, buscamos o sentido que ele atribui a essa ciência (como ele mesmo a chama), suas atribuições e especificações com relação a outras áreas o saber. Falaremos então o que, na obra "O conceito de angústia" ele "define", ou melhor, compreende, como sendo psicologia já que, "perante os conceitos da existência, a abstenção de definições é sempre indício de tato seguro" (Kierkegaard, 1844/s.d., p. 219). Não enfocaremos suas explanações teórico-práticas acerca de temas que são considerados pela psicologia de hoje e não discutiremos seus *insights* teóricos sobre tópicos psicológicos.

Para a realização deste trabalho adotou-se uma atitude fenomenológica da mesma forma que Amatuzzi (2003) ao refletir sobre uma obra de São Tomás de Aquino. Com esta atitude, podemos buscar e indicar o sentido de psicologia no texto escolhido. Sendo assim, apesar de utilizarmos a atitude fenomenológica na compreensão do texto de Haufniensis, trata-se de um estudo teórico que busca esclarecer por meio de categorias centrais o sentido de psicologia.

Uma análise geral de "O conceito de angústia" permitiu-nos obter três temáticas principais que norteiam a concepção de Kierkegaard de psicologia nesta obra: a psicologia como ciência; o objeto da psicologia e os seus limites; a observação como atuação do psicólogo. Falaremos de cada uma delas em separado para que haja uma maior clareza no texto. Apesar disso, deve-se ter em vista que tal divisão é artificial e que, mais de uma vez, questões suscitadas em uma das temáticas somente serão solucionadas em uma outra.

Psicologia como ciência

Segundo Kierkegaard (1844/s.d., p. 24) "a atmosfera da Psicologia corresponde a uma curiosidade sem paixão" (1). Para ele a psicologia (ou melhor, os psicólogos) não possui paixão (*pathos*) por carecer do movimento da subjetividade que, por sua vez é, em última instância, a verdadeira paixão pela qual se vive ou se morre. Isso parece indicar que, apesar de ser uma ciência do espírito subjetivo (como trataremos a seguir), os psicólogos enquanto cientistas posicionam-se de uma maneira não-subjetiva.

A posição da psicologia como ciência é afirmada ao longo de todo o texto e isso não é posto em dúvida. "Como ciência, a Psicologia nunca poderia ocupar-se dos pormenores que se lhe apresentassem, embora quanto mais a Psicologia se torna concreta, mais esses pormenores sejam susceptíveis de assumir representações científicas" (Kierkegaard, 1844/s.d., p. 35). Deste modo, o autor advoga que, sendo ciência não poderia se ocupar abstratamente dos pormenores da realidade; mas que, tornando-se mais concreta (ou seja, voltando para as experiências de vida), mais o seu objeto torna-se passível de uma representação científica. Abstrações (metafísicas e conceituais) não poderiam ter desta maneira qualquer representação que chamaríamos de científica: em



psicologia, não se deve ir ao conceito puro, mas à concreção da existência, da vida humana e em como estes conceitos se dão nela. Por exemplo, o conceito de espécie para ele é muito abstrato e não comporta as categorias do indivíduo.

Critica os psicólogos de sua época (provavelmente os alemães) ao dizer que eles não usufruem a liberdade que têm de estudar a variedade da existência humana preferindo ocupar-se de outras coisas que não dizem respeito ao seu objeto. Segundo suas próprias palavras: "Esta ciência, posto que tenha mais do que qualquer outra o direito de se embriagar com a variedade borbulhante da vida [existência] entregou-se impiedosamente ao jejum e ao ascetismo" (Kierkegaard, 1844/s.d., p. 35).

Devido ao fato de ser uma ciência, a psicologia deve fornecer explicações. Mas, "a explicação psicológica não deve, pois, dissimular com frases bem sonantes a *pointe* [característica] própria; convém-lhe guardar a sua ambigüidade elástica de onde surge a culpa no salto qualitativo" (Kierkegaard, 1844/s.d., p. 63). As explicações psicológicas chegam somente no limiar daquilo que ele denomina de "salto qualitativo", o momento em que há uma mudança qualitativa e por meio do qual a existência humana passa de um estado para outro e instaura o espírito (que é liberdade). Por esta razão, enquanto ciência, a Psicologia deve "sobretudo abster-se de dar a entender que explica o que nenhuma ciência poderá explicar" (Kierkegaard, 1844/s.d., p. 59) e, não obstante, confessar que "nada explica, que não *pode* e nem *quer* dar mais explicações" (Kierkegaard, 1844/s.d., p. 77) apesar de ser "a Psicologia, no entanto, que mais se acerca ao interpretar a última fase aproximativa" (Kierkegaard, 1844/s.d., p. 116) do salto qualitativo. Afirma que este ocorre no seio da angústia, mas que as explicações psicológicas não devem considerá-la (ou o nada ao qual se refere) como sendo aquilo que basta para que o espírito, a culpabilidade e a liberdade fossem instaurados: não há mera progressão quantitativa de um estado para outro – por maior que seja a angústia, ela não leva necessariamente ao salto qualitativo. Se a reflexão psicológica caminhasse para isso, terminaria se tornando em Dogmática saindo do campo de sua alçada.

Cabe aqui uma pequena consideração sobre a questão da ambigüidade na psicologia. Sendo esta uma ciência, não pode se ocupar do salto qualitativo e este está fora de toda e qualquer ambigüidade. Já em seu estado anterior, no qual as possibilidades se mostram, há angústia que é algo essencialmente ambíguo: somos, ao mesmo tempo, culpados e inocentes, amamos e tememos algo nela. Uma observação superficial (que não deve ser o caso da psicologia) leva à tentativa de se explicar o salto introduzindo uma determinação quantitativa qualquer. Por exemplo, a proibição o tentou a fazer certa coisa, não teve como agir de outro jeito etc. E a psicologia deve manter-se nessa ambigüidade sem querer saná-la, pois eliminar a ambigüidade é extinguir o salto e, extinguindo o salto, perde-se seu objeto.

Tendo definido que a psicologia não deve se ocupar do salto qualitativo que instaura uma nova qualidade, afirma, como já o dissemos, que os psicólogos não devem pensar que certo estado foi causado por alguma outra coisa ou pela própria atmosfera (condição) prévia ao salto (angústia). Referente ao pecado (que é somente uma espécie de salto no qual a pecabilidade é instaurada), afirma que "pretender que o homem peca de maneira necessária, é modificar o círculo do salto para linha reta" (Kierkegaard, 1844/1968, p. 116). Sequer a liberdade, que é instaurada após um salto, principia de alguma coisa: sendo infinita, provém do nada e não de um livre arbítrio prévio. A explicação destes saltos não pode ser feita desta forma quantitativa e como se houvesse uma progressão. A psicologia somente sabe que em um instante o espírito está instaurado juntamente com a liberdade e a culpabilidade (qualidades inerentes ao salto qualitativo e posteriores a ele). Caso falemos em uma causa, toda a reflexão psicológica cairia por terra. Apesar de nenhuma ciência poder explicar "como" ocorre o salto qualitativo, a psicologia pode compreender (interpretar) a última fase prévia ao salto, a atmosfera e as condições na qual ele ocorre, as possibilidades que se apresentam nele e o estado subsequente.

Kierkegaard (1844/1968) defende de maneira geral a Psicologia como ciência. Mas estabelece algumas críticas que, em certo sentido, atingem aquilo que fundamenta o que correntemente se chama de ciência. Diz ele que: "sempre protestamos (...) contra todo saber apenasmente experimental e afirmamos (...) que o pecado se postula a si próprio



do mesmo modo que a liberdade não permitindo interpretações por meio de qualquer premissa". (Kierkegaard, 1844/1968, p. 116). Percebe-se então aqui duas críticas distintas, mas que se correlacionam. Assumindo que o homem não é destinado necessariamente a realizar o salto qualitativo e instaurar o espírito (a liberdade), mas que depende de algo que as ciências não podem explicar (o próprio salto), critica o saber que é meramente experimental. Ou seja, coloca-se contrário à produção de saberes sobre a existência humana que transformam o salto qualitativo em linha reta. E, como uma segunda crítica, coloca que as compreensões acerca do objeto que buscam conhecer, os psicólogos não devem partir de premissas e pré-concepções realizando um processo de raciocínio meramente dedutivo e por meio de silogismos. No que se refere aos conceitos da existência, ele coloca que os estados (a liberdade, a pecabilidade etc.) não têm uma causa, mas que vêm do nada (que aparece àquele que se angustia) por meio do salto qualitativo. Almejando aprender sobre os estados, não devemos vê-los como ocasionados e determinados por alguma coisa exterior a eles mesmos; por exemplo, a liberdade não é instaurada pela pré-existência de um livre-arbítrio que, em última instância, seria a sua causa.

Segundo Kierkegaard (1844/s.d., p. 76) "o mal é que a ciência (...) confirma os espíritos crédulos na espera de um sábio fazedor de sistemas que seja homem para achar a solução". A ciência cede constantemente aos desejos das pessoas estabelecendo hipóteses que termina por reconhecer como sendo insuficientemente explicativas. As ciências, servindo às pessoas, satisfazem seus desejos pela criação de sistemas por meio dos quais "um assunto que em certo sentido é o mais fácil do mundo, transforma-se no mais difícil de todos" (Kierkegaard, 1844/s.d., p. 77). Ou seja, o salto não pode ser compreendido por deduções, pesquisas científicas e por obras de outras pessoas: entendê-lo de fato é compreendê-lo por si mesmo. E "se ele aprendesse [que uma nova qualidade surge] de uma outra qualquer, ele iria *eo ipso* [de fato] compreendê-la mal" (Kierkegaard, 1844/1980, p. 51). Conforme aponta Kierkegaard (1844/s.d., p. 77), a "arte dos abstracionistas da quintessência transforma em pergunta de um concurso que até hoje não foi ganho". Isso quer dizer que os cientistas que se ocupam de desvendar este algo que é inexplicável para outrem terminam por render-se a abstracionismos com pouquíssimas relações com a realidade da existência humana e, conseqüentemente, com o salto propriamente dito.

Um ponto a ser observado ainda é que "toda e qualquer ciência reside ou numa imanência lógica ou numa imanência interior a uma transcendência que não sabe explicar" (Kierkegaard, 1844/s.d., p. 76). Assim, a psicologia reside justamente nesta segunda opção e quiçá todas as ciências que tratam de alguma forma do homem: a imanência na qual está a psicologia (e seu objeto de estudo) reside em uma transcendência (o salto, a passagem) que não sabe explicar. E isto não parece ser uma deficiência; tal impossibilidade deve ser reconhecida para que a ciência psicológica mantenha-se sóbria e possa fornecer explicações que tenham alguma validade. "Que o homem da ciência deva esquecer de si mesmo (*Se/v*) é totalmente verdade (...) e então [apesar disso] nenhum homem da ciência tem como obrigação (e o fazedor de sistemas menos ainda) de esquecer como o pecado entrou no mundo" (Kierkegaard, 1844/1980, p. 51). Nesta colocação, está claro que o cientista deve esquecer de si mesmo e focar o seu objeto no seu estudo. O que ele não pode é negar a existência de algo como o salto qualitativo somente pelo fato de não poder explicá-lo cientificamente. A verdade, para Kierkegaard, é subjetiva e neste sentido ela não precisa ser posta em um sistema explicativo e lógico para ser considerada como tal.

O salto qualitativo não é necessário: nem todos os homens o realizam certamente no decorrer de sua vida saindo da inocência. Esta saída da inocência requer o primeiro salto que é denominado de queda. Ele não está perdido na história de Adão, mas é realizado por cada indivíduo instaurando a pecabilidade, a culpabilidade e a liberdade. E muitos homens mantêm-se neste estado sem nunca realizar um salto que é aquele que possibilita todos os outros. Critica ainda dois aspectos à ciência que poderíamos chamar de tradicional: a ênfase dada em experimentos nos quais se busca correlacionar (muitas vezes causalmente) variáveis e que seria este o único critério de verdade; em segundo



lugar, a interpretação por premissas (raciocínio dedutivo) explicando a existência com base em construtos prévios e encaixando seus fenômenos neste sistema teórico.

O objeto da psicologia e os seus limites

"Cada ciência deve, antes de mais, captar energicamente o seu ponto de arranque próprio, sem viver com as outras disciplinas em coabitação perdulária" (Kierkegaard, 1844/s.d., p. 89). Com isto ele quer dizer que toda ciência deve possuir seus limites estabelecidos claramente, tendo claro o seu ponto de partida (seu objeto) para que não fique dissolvida em outras disciplinas. Por exemplo, a psicologia e os psicólogos devem ter clareza de seu objeto, de sua especificidade para que não seja uma filosofia, ou uma fisiologia, ou ainda uma atuação médica ou pedagógica, falseada com um outro nome.

De acordo com Kierkegaard (1844/s.d., p. 34), "o objeto da psicologia há de ser qualquer coisa de estático que permaneça num repouso sem inércia e não algo de movediço que nunca cesse ou de se produzir a si mesmo, ou de ser reprimido". Desta maneira, ao tratar, por exemplo, do conceito de pecado, a psicologia modifica-o tornando-o um estado e tal transformação acarreta a impossibilidade de esclarecê-lo (seja por excesso ou por carência). Propõe então que a Psicologia não se ocupe do ato de nascimento do pecado, mas dos estados que o precedem e o seguinte a ele; entre ambos os estados há uma diferença qualitativa mediada pelo salto qualitativo do indivíduo. Ou seja, no que tange ao pecado, o que interessa de fato à Psicologia é a disposição prévia, a possibilidade real do pecado no seio da qual nasce o pecado (que não cabe em sua alçada): "a Psicologia pode e deve ocupar-se (...) de *como* nascerá o pecado, mas não poderá ocupar-se do ato de seu nascimento" (Kierkegaard, 1844/s.d., p. 34) que é, como se pode perceber, o próprio salto. Da mesma maneira com a liberdade e com a culpabilidade.

Percebe-se então que está fora da alçada da Psicologia (e de qualquer ciência), como já apontamos anteriormente, explicar o salto qualitativo. Mas, sendo esta a ciência que possui o privilégio de estudar a variedade da existência concreta do homem, estuda aquilo que o precede e que o sucede pela sua diferença qualitativa sem inferir, como já dissemos, que um estado é seguido do outro por uma mera progressão quantitativa: há um salto e não uma linha reta. Conforme coloca Kierkegaard (1844/s.d., p. 170), "a história da vida individual progride por movimentos de estado a estado e cada estado é estabelecido por um salto (...). Em cada estado há uma esfera de possibilidades e, na mesma medida, angústia". Com isto, podemos observar claramente que o objeto da psicologia, sendo os estados, trata-se especificamente das possibilidades de cada um deles. Aquilo que instaura a realidade de um estado (ou seja, aquilo que torna o possível em real), o salto, não cabe à psicologia, mas deve considerá-lo para manter a sua própria estrutura de ciência sem tornar em progressão contínua a existência humana, mas em uma sucessão de saltos e rupturas qualitativas que podem ou não ocorrer. Isso porque, segundo Kierkegaard (1844/s.d., p. 170), "assim é desde que foi instituído o pecado, pois só o bem pode unir o estado e a passagem". Ou seja, somente após a queda é que podemos dizer que a existência humana segue desta maneira: uma união do estado e da passagem, um aspecto dinâmico e não estático de ser humano.

Enquanto que o salto, como mediador, como movimento, não pode ser tornado em algo estático (um estado), a Psicologia pode se ocupar dos estados mediados por ele. Considerar que há uma causa, uma mera progressão quantitativa neste movimento qualitativo não passa de uma miragem que, por sua vez, "assinala (...) o limite das suas possibilidades e constitui a prova de que o momento da Psicologia já passou" (Kierkegaard, 1844/s.d., p. 34).

Kierkegaard (1844/s.d., p. 36) coloca ainda que a psicologia ama investigações sobre a possibilidade de modo que é possível percebê-la "sentada a traçar os contornos a calcular os ângulos da possibilidade". É importante frisar que ele assinala a possibilidade e não a probabilidade, propõe uma matemática geométrica e não estatística e que o fato de utilizar desta imagem não significa uma matematização do objeto da psicologia, mas um exemplo. Assim, o contorno dos ângulos da possibilidade referir-se-iam mais às direções, aos sentidos que surgem em determinado estado do que propriamente a chance



probabilística de ocorrer ou não determinada mudança. Falando ainda sobre isso, estabelece uma clara e precisa distinção entre uma preocupação com a possibilidade real (como na Psicologia) e uma preocupação com a possibilidade ideal (que cabe à Dogmática). Enquanto que a primeira focaliza seus estudos nos indivíduos concretos e analisa suas possibilidades reais, a Dogmática serve-se da psicologia sendo uma espécie de evolução desta e postula possibilidades ideais (abstratas e conceituais). Com a designação "Dogmática" ele não se refere à filosofia de Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) (que chama de "Metafísica"), mas sim o fundamento de uma segunda ética (cujas considerações escapam à delimitação deste artigo) e das ciências que assumem e tratam da transcendência e da repetição. A metafísica, por outro lado, fundamentaria as ciências da imanência que ignoram o salto e o pecado.

No parágrafo acima, falamos que a Dogmática utiliza-se da psicologia sendo uma espécie de evolução desta. Isso se baseia naquilo que Kierkegaard (1844/s.d., p. 37) diz: "A psicologia não pode progredir senão sob a condição de se transformar em doutrina do espírito absoluto. Ora este é o campo da Dogmática". Então, qual seria o campo da Psicologia?

Kierkegaard (1844/1968) parece basear-se neste aspecto em um livro de Johann Karl Friedrich Rosenkranz (1805-1879) denominado de *Psychologie oder die Wissenschaft vom subjektiven Geist* [Psicologia ou a ciência do espírito subjetivo] (1843) ao afirmar que "tem-se dito que a Psicologia é o estudo do espírito subjetivo" (Kierkegaard, 1844/s.d., p. 36). Se a Psicologia não transpuser estes limites e ceder lugar à Dogmática ou perscrutar o salto qualitativo, "a explicação que nos ofereça pode sempre ter certa importância" (Kierkegaard, 1844/s.d., p. 59). Deve-se ter em vista ainda que "a realidade do espírito mostra-se sempre como uma figura que tenta a sua possibilidade, mas desaparece mal a queiramos captar" (Kierkegaard, 1844/s.d., p. 64).

A psicologia atém-se somente ao espírito subjetivo, da existência individual concreta e não do espírito absoluto, da conceituação universal abstrata. Como ele mesmo coloca, a atenção da psicologia fixa-se exclusivamente no fenômeno particular e não em suas categorias eternas e ela "não concede a ênfase adequada para salvar a humanidade, o que só pode ser feito salvando cada indivíduo particular da espécie qualquer que seja o custo" (Kierkegaard, 1844/1980, p. 75).

"O que interessa à Psicologia é tudo o que existe, tudo o que acontece todos os dias, contanto que o observador esteja lá" (Kierkegaard, 1844/s.d., p. 85). Assim, pode-se observar a amplitude desta ciência e a correlação com aquilo que já dissemos sobre a Psicologia ser a única ciência que poderia esbaldar-se de toda a variedade da existência humana que é essencialmente aquela do indivíduo, mas que não o faz.

Estes limites estabelecidos não são arbitrários. Não cabe à psicologia sair da existência concreta dos indivíduos, de seus espíritos subjetivos cuja realidade é a mudança mediada pelo salto porque é este "o ponto em que pode atingir e, sobretudo, o ponto que, mediante a observação da vida humana sempre poderá demonstrar" (Kierkegaard, 1844/s.d., p. 69). Este limite, como podemos ver, é estabelecido pelos próprios limites da observação da existência humana (nossa e de outros) e da demonstração. À psicologia cabe explicar e demonstrar as nuances de seu objeto (o espírito subjetivo), e o salto não pode ser demonstrado cientificamente. Este somente é vivido pelo indivíduo concreto que, no seio da angústia (do estado prévio ao salto) o realiza. Talvez as palavras mesmas de qualquer linguagem não conseguissem descrevê-la com precisão senão pela evidência de uma mudança qualitativa clara e evidente entre dois estados. E isso não implica na desconsideração do salto, mas em sua aceitação e sua não-demonstrabilidade científica.

Desta maneira, o psicólogo não deve suprimir o salto qualitativo, mas sim sempre considerá-lo. Isso se deve, entre outras razões, ao fato de ser a única ciência que contribui um pouco para a sua explicação ainda que deva manter-se, como já dissemos, consciente de que não pode e nem deve dar mais explicações senão sob a forma de aproximações pelos estados prévios e subseqüentes. "O estado que precede cada salto representa a maior aproximação psicológica que se pode conseguir quanto ao salto: tal é o objeto da Psicologia" (Kierkegaard, 1844/s.d., p.170)



A observação como atuação do psicólogo

Conforme coloca Kierkegaard (1844/s.d., p. 24), "A atmosfera do psicólogo é uma angústia de explorador". Como anteriormente, o termo "atmosfera" tem aqui o sentido de disposição que, no caso do psicólogo que é explorador, é uma angústia. Dissemos anteriormente que o cientista possui uma curiosidade sem paixão e é provavelmente pensando nisso que utiliza o termo "explorador".

O erro dos psicólogos não se dedicarem à vida cotidiana, à variedade da existência humana não cabe a outra pessoa que não a eles mesmos. Sequer seria prudente culpabilizar impessoalmente esta ciência já que isso "cabe não à Psicologia, mas aos que a praticam" (Kierkegaard, 1844/s.d., p. 35).

Referente ainda às ações do psicólogo, recomenda que sejam os mais naturais possíveis para evitar que "o carro siga à frente dos bois, [e] não seremos forçados a compreender a explicação antes de termos compreendido o que ela deverá explicar" (Kierkegaard, 1844/s.d., p. 61). Esta expressão denota claramente dois aspectos de grande relevância. Em primeiro lugar, a importância de não partirmos de pressuposições se aproxima muito da fenomenologia e a importância devida, na redução eidética (*epoché*), de buscarmos colocar entre parênteses as pré-concepções sobre o fenômeno que queremos conhecer (Zilles, 2002). E, em segundo lugar, a diferenciação entre conhecermos aquilo que a explicação explica (o "objeto" de nosso conhecimento, de nossa ciência) e conhecermos a explicação daquilo que explica. Parece que haveria uma espécie de exigência de assimilação da explicação sendo que esta seria uma decisão equivocada e apressada no que tange à compreensão e à produção de conhecimento acerca de um objeto. Há a importância de buscarmos conhecer as coisas mesmas tal qual elas aparecem à consciência antes de partirmos para as suas explicações; a pressa destrói a possibilidade de elucidação do fenômeno e as suas explicações se mostram como explicações-de-algo e não como o algo que queremos investigar.

O psicólogo sério (termo utilizado pelo autor), aquele que se ocupa seriamente da Psicologia e da observação, "adquire uma elasticidade que o torna capaz de improvisar exemplos, desprovidos de autenticidade material é certo, e, contudo, com toda uma outra autoridade" (Kierkegaard, 1844/s.d., p. 83). Quanto a isso ele utiliza o exemplo de um chefe de polícia que, apesar de não sair de seu escritório sabe o que se passa nas ruas e é capaz de descrever a situação razoavelmente bem apesar de não estar lá. De acordo com suas próprias palavras, "não é minha intenção escrever uma obra erudita ou perder tempo na busca de textos literários de prova. Frequentemente os exemplos mencionados nas psicologias carecem de verdadeira autoridade psicológico-poética" (Kierkegaard, 1844/1980, p. 54). Advogando esta autoridade ao psicólogo, afirma que pelo uso contínuo da observação para se estudar o espírito subjetivo, este é capaz de criar exemplos (e não leis universais), modelos que permitem uma explicitação maior daquilo que ele quer falar e que poderia ser ampliado para a experiência de outros indivíduos. Seria uma espécie de generalização menos exagerada na qual há a certeza de que não há autoridade material acerca do exemplo, mas há uma autoridade poética pela descrição que se dá. Por exemplo, ao falarmos que todos os seres humanos sentem angústia e descrevermos aquilo que observamos (em nós mesmos e em outros) acerca disso, podemos ter uma visão geral e ampliada do fenômeno como sendo uma vivência genuinamente humana. Segundo ele, não haveria a necessidade de recorrermos a exemplos históricos peculiares ou a personagens literários para fazer valer a autoridade do psicólogo: bastam estes exemplos fundados e baseados na experiência para que ela seja efetivada. Assim, o psicólogo deve ter alguma originalidade poética para criar aquilo que é invariável e total baseando-se no indivíduo, que é sempre parcial e variável, mas que é o que se mostra. Desta maneira, este cientista pode obter observações frescas sem precisar se esforçar para encontrar alguma coisa a observar.

Um outro ponto acerca da observação é a sua colocação de que "com a condição de que se observe a si mesmo, cinco casais e dez crianças são suficientes para o psicólogo descobrir todos os estados de alma possíveis" (Kierkegaard, 1844/1968, p. 129). Isso, considerando aquilo que já dissemos no parágrafo anterior, nada mais é que a declaração



da importância da observação para a ciência psicológica e, além disso, o fato de que o psicólogo não precisa viajar ou ir muito longe para estudar os estados da existência humana. Coloca ainda uma espécie de pré-requisito: é preciso que o psicólogo observe a si mesmo. Ele provavelmente não se refere aqui a uma observação para permitir uma percepção neutra destes casais e crianças que se mostram, mas sim a necessidade de que o psicólogo busque conhecer seus próprios estados de alma pela reflexão de si mesmo, experienciando a angústia. Daí sim ele poderia partir para a observação dos outros, com base naquilo que descobriu em suas próprias experiências vividas, em sua própria história. Sendo objeto de interesse à psicologia tudo o que acontece todos os dias, é de suma importância que o observador (o psicólogo) esteja lá para observar e não para tomar notas desnecessárias e perder o foco da observação.

Kierkegaard (1844/1980) não foca a experimentação senão como parte da observação. O observador psicológico deve ser ágil para inclinar-se a outras pessoas e imitar as suas atitudes. É nesta artificialmente construída e sedutora não-observância e silêncio que aquilo que está escondido pode surgir. Se for um observador bem orientado, tal psicólogo pode saber onde olhar para descobrir uma certa individualidade que seja útil à construção imaginária (*Experimentet*). Como dissemos, não precisaria sequer apoiar-se em referências e citações como se tais coisas acontecessem a cada mil anos: pela observação das coisas que acontecem todos os dias tem-se a qualidade e o interesse da realidade se se controla bem as observações (i.e. não as deixando ser simplistas e superficiais).

O processo total da observação psicológica possui as seguintes etapas segundo Kierkegaard (1844/1980): escolhe-se uma paixão que se queira estudar e um indivíduo diante do qual se manterá calmo, obscuro e paciente para descobrir o segredo sobre ela; praticar-se-á até que possa iludi-lo; aparecer-se-á diante dele inventando sua paixão em um nível de magnitude sobrenatural. Ao fim disso, se fez corretamente, o indivíduo "sujeito de pesquisa" sentirá um alívio como uma pessoa insana quando alguém compreende a sua fixação e prossegue para levá-la a um nível de desenvolvimento posterior. O insucesso pode ter sido ocasionado tanto por inabilidade no processo ou pelo fato de o indivíduo não ter sido um bom exemplo.

Assim, esse "experimento" não retira o indivíduo de seu cotidiano inserindo-o em um laboratório, não busca correlacionar variáveis, mas sim compreender aquele indivíduo que está diante de nós em sua totalidade e, em outro sentido, fazê-lo refletir e mudar a si mesmo. Uma experiência prática disso é relatada na obra de Kierkegaard (1843/1990) denominada de "A repetição" e baseia-se na compreensão que o autor pseudônimo (Constantin Constantius) tenta empreender de um jovem que lhe envia cartas sobre uma desilusão amorosa. Acreditamos que este seja um bom exemplo de como a observação pode ser realizada.

Por fim, podemos inclusive observar uma crítica ao estudo quantitativo dos estados da existência individual. Citando o estado da pecabilidade, afirma que "elaborar tábuas estatísticas a propósito da pecabilidade [é] (...) abordar o pecado como se este fora uma curiosidade natural que não podemos suprimir, mas tão-só calcular, a exemplo da pressão atmosférica ou do grau de precipitação." (Kierkegaard, 1844/s.d., p. 96). E continua afirmando que "as médias resultantes revelam-se de um alcance inteiramente distinto do que diz respeito às ciências puramente empíricas" (Kierkegaard, 1844/s.d., p. 96). Urge tratar e estudar a existência como sendo sucessão de estados qualitativos e não linhas, polígonos e fenômenos meramente calculáveis.

Considerações finais

Com base no presente artigo, pudemos discutir alguns aspectos do sentido de psicologia conforme aparece na obra "O conceito de angústia" de autoria de Kierkegaard. No que se refere à psicologia como ciência, é clara a sua posição sobre este ponto. Advoga por uma ciência psicológica concreta, que se fie daquilo que acontece no cotidiano das pessoas, que se ocupe da existência de cada indivíduo e que não seja abstrata tendendo a especulações e a conceitos sem qualquer fundamento no nosso mundo da vida.



As explicações da psicologia são de uma ordem diferenciada de outras ciências e inclusive de formas contemporâneas de se fazer psicologia: não deve se utilizar de premissas teóricas e muito menos de raciocínio silogístico para explicar qualquer coisa. Por ser a ciência que mais se aproxima da compreensão do salto qualitativo, é aquela que deve sempre considerá-lo: pensar a existência como mera progressão quantitativa é um erro e, se alguns afirmam fazer psicologia desta maneira, não estão sob a égide desta ciência. A discussão não é se a psicologia é ou não ciência já que ela é, ainda que tenha suas peculiaridades.

Quanto ao objeto da psicologia, ele coloca como sendo o espírito subjetivo de uma maneira mais ampla e os estados que compõem a nossa existência e história individual de uma maneira mais específica. O fato de se considerar os estados não quer dizer que os psicólogos devam esquecer-se do movimento que há na existência de cada um, mas sim que a nossa história é uma sucessão de estados. Tais estados possuem uma série de possibilidades que cabe ao psicólogo investigar. O que não lhe cabe é explicar deterministicamente e a posteriori a razão de uma determinada possibilidade ter sido realizada e não uma outra qualquer pelo salto qualitativo; é uma ciência do a priori, das possibilidades. Percebe-se então que, em última instância, a psicologia lida com o movimento dos estados, com o espírito subjetivo que busca sempre instaurar-se (ou seja, somos um espírito que busca ser espírito, que busca instaurar-se a si mesmo). E o espírito é a liberdade; e esta é instaurada após o salto qualitativo, só existindo desta maneira. Sendo assim, a psicologia ocupa-se da sucessão dos estados de nossa existência individual e concreta, de nosso espírito que a cada salto busca instaurar-se como liberdade e, em última instância, da própria liberdade (que se mostra tema relevante à Psicologia e que não deve ser deixada de lado). E a liberdade não deve ser excluída do estudo psicológico já não é sequer o oposto de determinismo: ela é aquilo que essencialmente somos, mas só se mostra quando a instauramos pelo salto qualitativo.

O psicólogo deve somente se ocupar e se dedicar àquilo que acontece no cotidiano de todos nós, sem experimentos (experiências de segunda ordem) e artificialidades, mas experiências reais e concretas. A generalização que dá autoridade às ciências (que não se detêm a particularidades dos fenômenos, mas a suas universalidades) é diferente na Psicologia: não é preciso buscar repetir observações e experimentos em supostas iguais condições. O que não quer dizer que estes métodos não devam ser utilizados, mas com a prática adquirida de um exercício sério da Psicologia (o que os inclui a ambos) poderíamos demonstrar uma outra autoridade (que ainda é autoridade) que não é mera poesia ou cálculo sem relação com a realidade da existência. A figura de Sócrates também pode ser considerada como sendo possível de ser entendida como um exemplo deste "experimento" e observação psicológicas.

Surge então a importância de estudar as obras de Kierkegaard e suas idéias psicológicas para que possamos, entre outras coisas, avaliar criticamente a atuação do psicólogo contemporâneo e suas definições de objeto (psique) e de ciência.

Em outra de suas obras que é "O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates" (Kierkegaard, 1841/1991) aparecem termos e expressões que o pseudônimo Haufniensis utilizou desta obra assinada pelo próprio Kierkegaard. Entre estes podemos citar a diferença entre uma determinação empírica (um polígono) e um ponto de vista, um posicionamento existencial (um círculo); o "conhece-te a ti mesmo" como sendo um "separa-te a ti mesmo do outro"; e, por fim, a ironia como incitamento da subjetividade e seu ponto de vista infinitamente ambíguo. Surgem daí questionamentos relevantes aos relacionamentos deste pensamento com a psicologia. Sendo o ponto de vista do irônico o da infinita ambigüidade, da negatividade absoluta, não deve ser este o posicionamento daqueles que praticam psicologia? E, além disso, não seria essencialmente a função do psicólogo (pela ironia presente em sua observação) incitar a subjetividade e a individualidade das pessoas? Tais questões permanecem e serão reavaliadas em um próximo artigo.



Referências

- Amatuzzi, M. M. (2003). Releitura de textos de São Tomás de Aquino visando a construção de um pensamento psicológico. *Memorandum*, 5, 42-54. Retirado em 02/03/2007, de World Wide Web: www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos05/amatuzzi01.htm
- Becker, E. (1997). *The denial of death*. New York: Free Press.
- Cruz, T. P., & Feitosa, L. D. (2006). *A busca do sentido de angústia: O que dizem os alunos do primeiro semestre de psicologia?* Trabalho de Conclusão de Curso não-publicado, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP.
- Feijoo, A. M. L. C. (2000). *A escuta e a fala em psicoterapia: uma proposta fenomenológico-existencial*. São Paulo: Vetor.
- Goto, T. A. (2007). *A (re) constituição da psicologia fenomenológica em Edmund Husserl*. Tese de Doutorado não-publicada, Programa de pós-graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.
- Gouvêa, R. Q. (2002). *A palavra e o silêncio*. São Paulo: Custom/Alfarrábio.
- Gouvêa, R. Q. (2006). *Paixão pelo paradoxo: uma introdução aos estudos de Sören Kierkegaard e de sua concepção de fé cristã*. São Paulo: Fonte Editorial.
- Kierkegaard, S. A. (1968). *O conceito de angústia* (T. Guimarães, Trad.). São Paulo: Hemus. (Original publicado em 1844).
- Kierkegaard, S. A. (1980). *The concept of anxiety* (R. Thomte & A. B. Anderson, Trans.). New Jersey: Princeton University Press. (Original publicado em 1844).
- Kierkegaard, S. A. (s.d.). *O conceito de angústia* (2a ed., J. L. Alves, trad.). Santa Maria de Lamas: Editorial Presença. (Original publicado em 1844).
- Kierkegaard, S. A. (1986). *Ponto de vista explicativo de minha obra como escritor*. Lisboa: Edições 70. (Original publicado em 1859).
- Kierkegaard, S. A. (1990). *La reprise*. (N. Viallaneix, traduction, introduction, dossier, notes). Paris: Flammarion. (Original publicado em 1843).
- Kierkegaard, S. A. (1991). *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates* (A. L. M. Valls, trad.). Petrópolis: Vozes. (Original publicado em 1841).
- Massimi, M. (1989). *A psicologia em instituições de ensino brasileiras do século XIX*. Tese de Doutorado não-publicada, Programa de pós-graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- May, R. (1982). *O homem à procura de si mesmo* (9a ed., A. B. Weissenberg, trad.). Petrópolis: Vozes. (Original publicado em 1953).
- May, R. (1977). *Psicologia e dilema humano* (3a ed., A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1967)
- Penna, A. G. (1981). *História das idéias psicológicas*. Rio de Janeiro: Zahar.



Cruz, T. (2010). O sentido de psicologia para Haufniensis: idéias psicológicas em "O conceito de angustia" de Kierkegaard. *Memorandum*, 18, 56-67. Recuperado em ____ de ____, ____ de seer.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/9840

Pfromm Netto, S. (2006). Aonde vai a Psicologia? Algumas considerações sobre o passado, o presente e o futuro da psicologia como ciência, profissão e ensino. *Boletim da academia paulista de psicologia*, 26(3), 45-52.

Rosenkranz, J. K. F. (1843). *Psychologie oder die Wissenschaft vom subjektiven Geist*. Königsberg: Bornträger.

Thomte, R., & Anderson, A. B. (1980). Historical introduction. Em S. A. Kierkegaard, *The concept of anxiety* (pp. vii-xviii). New Jersey: Princeton University Press.

Wahl, J. (1962). *As filosofias da existência* (I. Lobato & A. Torres, trads.). Lisboa: Publicações Europa-América.

Zilles, U. (2002). A fenomenologia husserliana como método radical. Em E. Husserl, *A crise da humanidade européia e a filosofia* (2a ed., pp. 11-62). Porto Alegre: EDIPUCRS.

Nota

(1) Gouvêa (2002) aponta que a palavra dinamarquesa traduzida por "atmosfera" nas versões em português é *Stemming* que, por sua vez, possui relação com a palavra alemã *Stimmung* tendo inclusive os mesmos sentidos. Atmosfera (*Stemming*) referir-se-ia então à disposição e ao ânimo do psicólogo e ao clima e ao ambiente da psicologia de um modo geral.

Nota sobre o autor

Thiago de Paula Cruz é bacharel e licenciado em psicologia, mestrando em psicologia escolar e desenvolvimento humano no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e atua como membro-pesquisador do Grupo de Pesquisa em Fenomenologia e Ciência (FENPEC) junto ao programa de pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo em São Bernardo do Campo, Brasil. Contato: R. João Boemer, 411 - 03018-000 - São Paulo/SP, Brasil. E-mail: tpc_psico@yahoo.com.br

Data de recebimento: 30/07/2007

Data de aceite: 25/01/2009